

# As Narrativas Orais na Reconstituição da Memória Radiofônica: um Estudo de Caso<sup>1</sup>

Adriano Lopes Gomes<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## Resumo

Este trabalho relata um estudo de caso sobre a primeira emissora de rádio do Rio Grande do Norte - a Poti - utilizando-se as narrativas orais como processo de reconstrução da memória radiofônica. Para tanto, delimitou-se um marco temporal compreendido entre 1941 e 1955, que coincide com a inauguração e a chamada “era de ouro do rádio”, na cidade do Natal - RN. O método da história oral é aqui adotado para recompor o cenário da Rádio Poti, por meio de entrevistas feitas com oito informantes. A pesquisa chegou à conclusão com dados relevantes para se conhecer e preservar a memória do rádio potiguar.

Palavras chaves: Rádio; História; Memória

## 0. Introdução

Este artigo faz uma abordagem das práticas de oralidade no contexto social adotando as narrativas produzidas por sujeitos informantes como procedimento de pesquisa a partir das quais procurou-se reconstituir a memória radiofônica. Para tanto, desenvolvemos um estudo de caso com a Rádio Poti, primeira emissora da cidade do Natal-RN, estabelecendo o recorte temporal que vai desde a sua fundação até o fim da chamada “era de ouro do Rádio”. É resultado da pesquisa **Mídia e memória: uma análise dos documentos sonoros das emissoras de rádio da cidade do Natal-RN (1941-1955)**, realizada no período de 2003 a 2005. A princípio, ficou inviável obedecer ao desenho da pesquisa, que apontava para a recuperação e análise do acervo fonográfico da Rádio Poti, constatando-se a inexistência de arquivo dos documentos sonoros, sobretudo no período delimitado pelo *corpus* da investigação. Decorreu daí a opção de adotar o método da História Oral e a técnica da entrevista compreensiva, recorrendo-se a fontes orais primárias e secundárias, para gravar depoimentos em fitas de áudio que seriam necessários ao posterior cruzamento e análise dos dados.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 06 –Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Coordenador da pós-graduação em Comunicação *lato sensu* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## **1. História e memória: o rádio em sintonia com o mundo**

A memória é atributo das funções cognitivas, em arquétipos constituídos a partir das sociedades ágrafas ou com predomínio da oralidade que se utilizavam da capacidade mnemônica para armazenar e transmitir informações através da expressão oral. Com o advento da imprensa (séc. XV), a memória passa por alterações significativas pois vai encontrar outro suporte para deixar marcadas as lembranças, acontecimentos e narrativas cotidianas. A nova realidade do registro escrito, em caráter de produção sistemática e de grande escala, vai promover modificações na comunicação entre os sujeitos cuja situação de contexto sociohistórico requisita competências na dimensão do saber ler e escrever. Tais competências seriam necessárias ao arquivamento das manifestações factuais e culturais, excedendo os limites que a memória impõe, muitas vezes escapando os episódios relevantes em razão do ângulo a que se lança sob determinado evento social.

Com o passar do tempo, foi possível reproduzir livros em larga escala, guardar documentos escritos, arquivar peças de jornais periódicos, assim constituindo novas formas de se entender a memória cultural. No início do século XX, os primeiros experimentos radiofônicos, por extensão das experiências com o telégrafo sem fio, vão alterar o processo de interação social: a oralidade, antes circunscrita às relações interpessoais, agora será possível com a transmissão a longa distância, em situação midiática, para recepções horizontais e em um só tempo. O rádio chega ao Brasil em setembro de 1922, mas ganha desenvolvimento a partir do ano seguinte com a inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por iniciativa pioneira de Roquette Pinto.

No início dos anos 1950, com estudos avançados e inovações tecnológicas, já é possível gravar e arquivar a voz humana em suportes de acetato, discos de vinil e fitas magnéticas no sistema analógico. Todo esse aparato técnico foi de extrema importância para a preservação de depoimentos, músicas, notícias, vinhetas e publicidades, pelo que designamos de «Memória Eletrônica». Concordamos com Meditsch (1997) quando afirma:

No plano da linguagem, estas formas de registro mecânico (depois aperfeiçoadas pela eletrônica) permitiram conservar e reproduzir em qualquer tempo e lugar os componentes analógicos que anteriormente eram prisioneiros da situação da enunciação. Repetia-se assim, agora com as linguagens analógicas, o salto que

anteriormente a escrita possibilitara ao modificar a enunciação dos componentes digitais da fala (MEDITSCH, 1997).

Atualmente, vivemos a sociedade da cultura midiática ou cibercultura na qual os componentes digitais - como recurso avançado da tecnologia - vão imprimir outros procedimentos de conduta ao ser humano. Passou-se do sistema analógico para o sistema digital em que é possível extrapolar os sentidos, ampliar o caráter da intersubjetividade entre atores sociais em lugares distintos, subvertendo as concepções de sociedade formalmente organizada e de onde transgride-se o paradigma de tempo e espaço, de ser e não-ser, de estar circunscrito geograficamente em ambientes determinados. Gravar discursos, registrar imagens em dimensões diferentes, editar, armazenar e recuperar falas em recursos técnicos sofisticados são características dessa nova era.

Devemos entender que todas as situações mencionadas se configuram como mecanismos de pertencimento ao campo da memória, porém histórica e tecnologicamente constituídas e ressignificadas. Assim sendo, ainda que recuperemos peças de documento sonoro das emissoras de rádio ou em arquivos pessoais, vamos considerar tais aspectos inseridos no âmbito da memória coletiva, ainda que o registro esteja sedimentado em suporte, que não o mnemônico, aqui naturalmente admitido.

As formas primordiais de conexão entre passado e presente são concepções que regulam o desejo inconsciente do sujeito social em busca contínua da sua própria identidade. Esta tem sido a questão que desde a infância da humanidade e, sobremaneira, a partir dos filósofos da Grécia antiga, tem levado o ser humano a buscar o sentido do seu estar no mundo. A memória se insere nessas questões por ser a faculdade que permite armazenar os acontecimentos vivenciados, acumulando experiências e ampliando os referenciais de conhecimento histórico e sociocultural.

Na sociedade moderna, em que impera a difusão de produtos pela indústria midiática, é preciso encarar a cultura como um bem social da coletividade. Por tal razão, entender os processos mnemônicos também implica refletir sobre o nosso engajamento na sociedade e o compromisso em preservar o universo de valores que permeiam o ser social, hoje cerceado pelas determinações do mundo globalizado. Entendemos que tal situação reflete a natureza da constituição historiográfica, quando se reúne um conjunto de bens simbólicos inscritos na sociedade que atravessa o tempo e ganha sentidos nas coletividades.

Convém dizer que a memória respalda a história, pois dela se alimenta (LE GOFF, 2000), tanto quanto os documentos testemunham os fatos. A propósito, o autor (*ibidem*), cita Pierre Nora ao se referir ao passado vivido pelos grupos sociais à semelhança de memória histórica da sociedade e faz associação entre história e memória ao considerar:

Até aos nossos dias “história e memória” confundiram-se praticamente e a história parece ter-se desenvolvido “sobre o modelo de memorização, da anamnese e da memorização”. Os historiadores davam a fórmula das “grandes mitologias colectivas, ia-se da história à memória colectiva. Mas toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pelos meios de comunicação de massa, caminha para a fabricação de um número cada vez maior de memórias colectivas e a história escreve-se, muito mais do que antes, sob a pressão destas memórias colectivas (LE GOFF, 2000:54).

Sendo assim, nossa pesquisa está inserida na interface entre história e memória, das quais nos apropriarmos para emergir os sentidos inerentes ao nosso objeto de investigação, a Rádio Poti. Consideramos que a relevância deste estudo recai sobre o fato de que a memória do rádio representa toda uma série de situações que vivenciamos no cotidiano, independente de classe ou contexto social. Os componentes historiográficos que se integram e formam nossa consciência cultural expressam particularidades do sujeito que se percebe na condição de membro inserido na sociedade em cujo espaço será necessário resguardar os valores que o tempo insiste em não sepultar. Assim, quando o ator social se reconhece nesse múltiplo universo de experiências revela-se o estatuto de cidadão que passa a valorizar o seu meio e, por decorrência, a cultura de sua localidade.

Desde o seu advento no Brasil, o rádio sempre esteve presente na vida das pessoas, quer nos cômodos da casa, quer no ambiente de trabalho, em situações de recolhimento ou momentos de compartilhamento grupal. O rádio acompanhou os episódios da história, narrando-os, emocionou ouvintes, e apresenta-se, ainda hoje, como um meio de comunicação que participa da construção social da realidade, ao divulgar diariamente questões que problematizam o cotidiano e fazem a sociedade pensar e discutir sobre os assuntos abordados nas grades de programação. A memória radiofônica revela-se como um conjunto de símbolos, transferidos para determinados contextos de vida coletiva, situados no tempo e apreendidos através de constantes ressignificações mnemônicas. Ou seja, a cada olhar que se incide sobre certos episódios, há uma espécie de “segundas histórias”,

contadas sucessivamente entre gerações, as quais vão recompondo o cenário que se iniciou no passado.

## **2. Acontecimento e memória**

Halbwachs (1990) discutiu aspectos da memória, segmentando-a em memória individual e memória coletiva. Foi sobre o modo de encarar esta última que o autor destacou os elementos que organizam os traços sociais da cultura, disseminada pelos membros que dela fazem parte. Tal disseminação resulta do processo de mediação e transmissão de valores simbólicos, capazes de armazenar as informações e recuperá-las sob forma de lembranças. Considera o autor:

Haveria então, na base da lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que – para distingui-lo das percepções onde entram tantos elementos do pensamento social – admitiremos que se chame de *intuição sensível* (HALBWACHS, 1990:37)

O meio social oferece as bases para a construção da memória individual que, ao contato com os demais membros da comunidade, algo em comum constituirá a memória coletiva. Portanto, para Halbwachs (*op.cit.*), existem memórias individuais e os indivíduos vão constituir uma atmosfera de intercâmbios sociohistóricos que transmigrará pelos porões do inconsciente, como herança que se manifesta em sucessivas etapas históricas do ser humano em contínua atividade cultural. A memória coletiva emerge das marcas sociais e discursos polifônicos cujas vozes ecoarão pelas gerações posteriores através de processos interativos, de tal modo que os falares, as narrativas orais, a reprodução de comportamentos e os costumes vão construindo o meio e a realidade social. No entanto, sobre esse estado de circunstâncias, Meihy (2002:62) prefere denominar de “memória cultural”, “por se ajustar melhor à identidade de um grupo que se organiza em torno de fatores comuns”.

Para efeito do presente estudo, consideramos o passado vivido e o passado apreendido dos informantes, pois era nossa intenção identificar a heteroglossia desses sujeitos na convergência dos episódios que constituem nosso objeto de estudo. De outro modo, queremos dizer que mesmo aquelas expressões sugestivas de que “eu ouvi dizer”, ou “me contaram isso”, são consideradas nas análises tendo em vista o fenômeno da polifonia social, absolutamente relevante na reconstituição da memória radiofônica.

### 3. Na esfera da revelação dos sentidos: o narrador e a experiência

A experiência é considerada por Benjamin (*op.cit.*) como a faculdade que mantém viva a atividade do narrador. Porém, o autor assim considerou em uma época assinalada pela «reprodutibilidade técnica» que a arte de narrar estava em vias de extinção, atribuindo tal realidade à ausência de intercâmbios que asseguram a tradição cultural. Destacou o autor:

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. (...) esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIM, 1994: 200-201).

Convém ressaltar que as considerações de Benjamin remontam a um contexto de grandes turbulências sociohistóricas pelas quais ele mesmo admitia as conseqüências irrevogáveis para a sociedade. O narrador, descrito por Benjamin, é aquele que carrega consigo as informações adquiridas pelas experiências de vida, marcadas pela sua percepção de mundo sob constante olhar da realidade crítica em face dos acontecimentos à sua volta.

A experiência torna o sujeito socialmente ativo em suas atitudes, pois é capaz de inseri-lo no contexto onde o espírito humano esconde as suas recônditas intenções discursivas. Na literatura, essa situação incide sobre os processos de construção metafórica ou simbolismos que vão desafiar a mente do espectador a encontrar as respostas veladas. Dizemos isso por entender que os narradores permanecem atuantes, não obstante estarem inseridos em uma sociedade assinalada pelos diversos apelos que poderiam “definhar a sabedoria”, na expressão de Benjamin (*op. cit.*). Tal não aconteceu.

Sendo assim, para realizar a pesquisa, selecionamos oito sujeitos informantes, ou narradores, aqui considerados como *fontes orais primárias e secundárias*, situadas nas categorias de ouvintes, estudiosos, radialistas e testemunhas indiretas. A escolha da amostra manteve a pertinência metodológica de um trabalho etnográfico, selecionada com base em um critério que julgamos primordial: a proximidade com a rádio Poti, quer na condição de radialista que trabalhou na emissora entre os anos de 1941 e

1955, quer na condição de ouvinte assíduo ou simpatizante e estudioso da mídia radiofônica.

#### **4. Suporte teórico-metodológico**

A pesquisa obedeceu à abordagem etnográfica, de natureza qualitativa, utilizando-se os aportes teórico-metodológicos da História Oral e a técnica da entrevista compreensiva. Thompson (2002:44) enfatiza que a História Oral “é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação”. Admitimos que a história oral orientou os procedimentos metodológicos da pesquisa, em razão do contato que deveríamos manter com determinados informantes, sujeitos alvos dos propósitos elencados no presente estudo. Quanto à técnica da entrevista compreensiva, com base em Kaufmann (1996), devemos considerá-la como a mais apropriada para a nossa investigação, tendo em vista a subjetividade que permearia todo o processo, concomitante à observação participante e a utilização dos instrumentos de coleta, tais como: diário de campo, questionário e gravador de áudio. O questionário foi elaborado com 12 perguntas abertas, obedecendo a uma ordem de interesses que convergiam aos objetivos da coleta dos dados. O trabalho de campo teve a duração de 11 meses, resultando em sete horas e trinta minutos de gravação em áudio, que foram transcritas e analisadas. Para nos dar suporte às informações coletadas através das narrativas orais, recorreremos a outros documentos que, de igual modo, serviriam como elemento desencadeador de lembranças às fontes entrevistadas, entre os quais destacamos: fotografias, atas da rádio Poti, cartas de ouvintes, jornais de época (Diário de Natal e A República), scripts de programas, além de textos sobre a emissora em estudo.

Quando se trabalha com História Oral, logo vem a questão da fidelidade e validação científicas, considerando-se a natureza subjetiva das fontes orais tanto quanto ao caráter efêmero da memória. Ora, o processo de reconstituição da memória radiofônica exigia do pesquisador posturas que se inscreviam na ordem da comparação, cruzamento de informações, análise de conteúdo das falas, para que as evidências orais sugerissem a realidade com a qual estávamos trabalhando. A esse respeito, Thompson (2002) já assinalara:

Nossa principal tarefa aqui será tomá-la [a questão da evidência da história oral] em seu sentido literal e verificar como se sustenta a evidência oral quando apreciada e

avaliada exatamente do mesmo modo como se avaliam todos os outros tipos de evidência histórica (THOMPSON, 2002: 138).

Percebe-se que o autor atribui a relevância dos relatos orais como um documento a ser considerado pelo pesquisador, pois, de contrário, seria “ignorar o extraordinário valor que possuem [as fontes] como testemunho subjetivo, falado” (*ibidem*). Partindo deste entendimento, passamos a reconhecer o ator social na condição de sujeito portador da tradição oral, aqui admitido como documento vivo, não obstante reconhecermos a divergência de opiniões centradas sobre a força da oralidade como algo que sustenta a história. Burke (1992:170) lembra que para os historiadores a palavra escrita é soberana, mas destaca que “devemos reconhecer a distinção entre a fala importante e a banal”. Sendo assim, fomos ao encontro dos informantes por acreditarmos que as vozes reminiscentes das testemunhas deveriam ecoar sobre a materialidade da pesquisa, considerando-as importantes à reconstituição da memória radiofônica. As fontes orais ficaram assim categorizadas:

<b>Informante</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade</b>	<b>Categoria da fonte</b>
Informante 1	Professor	53 anos	Ouvinte/estudioso
Informante 2	Advogado	81 anos	Funcionário da Rádio
Informante 3	Cantora	79 anos	Radioatriz/cantora
Informante 4	Músico	75 anos	Cantor
Informante 5	Radialista	65 anos	Locutor
Informante 6	Bancário	57 anos	Ouvinte
Informante 7	Radialista	79 anos	Radioator/locutor
Informante 8	Jornalista	59 anos	Pesquisador

### **Quadro 1 – Os sujeitos informantes da pesquisa**

Os informantes foram classificados em primários, aqui entendidos como protagonistas da história em evidência por este estudo, ou, de outro modo, aqueles que estiveram diretamente envolvidos com a Rádio Poti, na condição de radialistas, e que trabalharam na emissora durante a época circunscrita, tais como: informantes 2, 3, 4, 5 e 7; e secundários, sendo aqueles cujo envolvimento deu-se de forma indireta, tais como informantes 1 e 6, que foram ouvintes assíduos, e informantes 1 e 8, inseridos na condição de estudiosos e pesquisadores. Julgamos que essa relação de informantes foi suficiente para



termos a noção das questões temporais e pontuais, posteriormente confrontadas entre os dados fornecidos por eles e documentos escritos, jornalísticos e fotográficos.

Durante a coleta dos dados, tivemos o cuidado de manter a seqüência do questionário, fazendo algumas incursões por outras perguntas que não haviam sido previstas, mas consideradas igualmente relevantes pelos entrevistadores para se ter uma compreensão mais alargada do fenômeno investigado. Tal é a natureza da técnica da entrevista compreensiva.

As entrevistas foram transcritas, mantendo o registro da expressão oral dos informantes, conforme sugere Marcushi (1991) no trabalho de análise da conversação. Para a análise, fragmentamos as falas dos sujeitos, destacando particularidades que subjaziam ao fenômeno de compreensão da memória radiofônica.

## **5. Reconstruindo o passado: análise dos dados**

A análise dos dados ocorreu de forma longitudinal, comparando-se os fragmentos das falas dos informantes e buscando-se recompor o cenário da Rádio Poti. Tomamos como critério de fidelidade a recorrência das informações que convergiam entre as falas dos sujeitos pesquisados. Algumas lacunas tiveram que ser preenchidas por meio de outros documentos escritos no sentido de ampliar os referenciais dos acontecimentos. Para efeito de compreensão dos dados, vamos categorizar determinados episódios e contextualizá-los na reconstrução da história da Rádio Poti.

### **5.1. Inauguração e Equipe de Profissionais**

A Rádio Poti foi inaugurada em 29 de novembro de 1941 (informantes 2 e 3) e chamou-se inicialmente de Rádio Educadora de Natal – REN. Possuía uma programação diversificada com programas jornalísticos, artísticos, esportivos, humorísticos e musicais. Antes da REN, só havia um serviço de som, com sistema de transmissão através de alto-falantes espalhados pela cidade:

Olha, é... o que nós tínhamos até essa época era um serviço de alto-falante de Luís Romão, não é? que tinha em determinados pontos da cidade, talvez uns três pontos, tinha alto-falante, e... isso durante a guerra, por exemplo foi um sucesso, se ouvia noticiário da, da BBC através dele. Mas, a sociedade teve um comportamento espetacular, a rádio foi uma novidade, quer dizer, primeiro, os donos, os principais

proprietários da rádio, os principais sonhadores foram Carlos Lamas e Carlos Farache, eram dois comerciantes da... da melhor linhagem (informante 2).

Depreende-se que o esforço para se fundar a primeira Rádio do Rio Grande do Norte partiu de membros da própria sociedade natalense, centrada em dois idealistas que representavam o anseio popular: Carlos Lamas e Carlos Farache. No entanto, anterior a eles, o informante 2 relata a existência de um sistema de som na cidade, com transmissões simultâneas em vários pontos da cidade, mantido por Luís Romão. Esse sistema de som prestava serviço público na reprodução de programas de emissoras consagradas, como a BBC de Londres. Deve-se dizer que, a essa altura, o Rádio já era uma realidade em várias localidades do Brasil. Para efeito do presente estudo, consideraremos Carlos Lamas e Carlos Farache como pioneiros da nova idéia, os quais demonstravam sua paixão pelo rádio e que, mais tarde, seriam os protagonistas da implantação do rádio no Rio Grande do Norte.

Para a transmissão dos mais variados estilos de programas, a Rádio Poti possuía uma equipe de funcionários, denominada pelo informante 2 como o *cash* da emissora:

Olhe, nós tínhamos, é... desde a REN, vamos dizer, nós tínhamos um quadro, um quadro, um cash a partir de locutor, de radioteatro, de cantor era o melhor possível. Por exemplo, nós tínhamos como locutores, isso pra citar alguns que num é (inaudível)... o número é muito grande, embora eu me lembre de todos. Mas, nós tínhamos a partir de Genar Wanderley, era o locutor mais antigo que nós tínhamos, inclusive a quem nós carinhosamente chamávamos de cacique, era o cacique por..., pelo fato de... de..., depois quando mudou pra Poti, então como o nome sugeria um nome indígena a gente chamava Genar de cacique. Mas, nós temos Genar Wanderley, José Alcântara Barbosa (...). Nós tínhamos mais dessa época Pedro Machado (...). E tínhamos, vamos ver para falar num mais próximo, nós tínhamos Marcelo Fernandes(...). É... e... e... por exemplo no cash de radioteatro nós tínhamos o que havia de melhor. Nós tínhamos um radioteatro feito com dona Alba Azevedo(...), nós tínhamos doutor Francisco Ivo Cavalcanti que já era um dos mais antigos advogados naquela época, não é?. Nós tínhamos no cash, nós tínhamos Marly Rayol, irmã, irmã de Agnaldo Rayol, nós tínhamos Clarice Palma, que era o, no meu tempo chamavam poetisa, hoje já chama-se, indiferentemente poeta, né? Era uma boa poeta. Nós tínhamos um cash formidável (informante 2).

Percebe-se que o informante 2 vai detalhando a equipe pioneira da Rádio Poti, ainda com o nome de Rádio Educadora de Natal, organizada por setores de atuação, como radioatores, cantores, diretor, músicos e locutores. Destaca Genar Wanderley como o primeiro locutor da emissora, ao lembrar que foi o mais antigo da equipe. Através desse *cash*, a Poti conseguiu atuar em vários segmentos e conquistar o público natalense por meio dos programas que eram veiculados, sobretudo os de auditório.

## 5.2. Programas

Os programas de auditório possuíam elevados índices de audiência. Dispondo de um cenógrafo para a ornamentação do palco, orquestra própria, cantores e apresentadores devidamente bem vestidos e ávidos para entrar no ar, o auditório abria as portas para, no mínimo, seiscentas pessoas (informante 6) e transmitia para a sociedade potiguar muitos programas de sucesso. O informante 3 enfatiza tais programas e o sucesso que faziam junto à população.

É, é da minha época os programas de muita audiência, os mais famosos era justamente os de auditório. E na, e na, e naquela época havia pelo menos três programas... é.. no sábado à tarde tinha um programa chamado 'Vesperal de Brotinhos'. Esse programa era, era, era dirigido por... (pausa), bom, daqui a pouco eu lembro o nome. No domingo, pela manhã, tinha o 'Domingo Alegre', que era dirigido por Genar Wanderley. Genar, acho que tem um filho dele aí, alguma coisa dele aí... (inaudível), e no domingo à tarde tinha um outro chamado 'Passatempo B-5' que era dirigido por Geraldo Fontinele. Esses eram os programas mais famosos. No sábado tinha, à noite, um programa humorístico muito famoso aqui, e que também era muito, tinha muita audiência que chamava-se 'Beco sem Saída', né? (...) Agora a participação do público era grande, era a espera pelos programas dos fins de semana, era, era muito grande, todo mundo ficava ansioso pra, para ir aos auditórios, né? (informante 3).

Admite-se que as pessoas atribuíam considerável importância aos programas de auditório, os quais podem ser caracterizados como lazer e entretenimento. O público se dirigia semanalmente ao auditório da Rádio Poti para ver, ouvir, aplaudir e se emocionar com as atrações apresentadas. O informante 3 ressalta quatro programas de sucesso: *Vesperal dos Brotinhos*, *Domingo Alegre*, *Passatempo B-5* e *Beco sem Saída*, de igual modo citados por outros informantes. Pode-se assegurar que os ouvintes, em suas residências, tinham a possibilidade de imaginar e compor as características físicas do apresentador, o cenário do palco, o auditório, pois é da natureza radiofônica provocar o interlocutor com imagens suscitadas pelas transmissões e narrações. Através desses elementos de ordem cognitiva, os ouvintes deixavam se envolver pela ludicidade que daí decorre e, dessa forma, divertiam-se, assegurando audiência e sucesso dos programas.

Mas, além de proporcionar a interação social, os programas de auditório apresentados pela Rádio Poti, tiveram um papel importante na revelação dos talentos musicais. Entre 1940 e 1950, a Rádio Poti promoveu um grande número de trios vocais que se formavam para cantar nos programas de auditório, alguns com existência breve. O

informante 4 lembra do programa “A Hora Estudantil”, considerado por ele como o de maior promoção dos trios vocais. Já o informante 7 recorda o nome de alguns deles:

Tinha o Trio Puraci, o Trio Irakitan, o famoso Trio Irakitan que fez uma excursão muito elogiável, e de grande sucesso, pelo México. Várias partes do mundo eles foram. E...Tinha o Trio Puraci, o Trio Menura (informante 7).

Dos oito informantes, sete citam o Trio Irakitan como o grupo vocal que fez maior sucesso na Rádio Poti.

A Rádio Educadora de Natal foi incorporada à rede dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, em 1944, passando a ser chamada de Rádio Poti, adquirindo relativa facilidade para trazer a Natal grandes nomes da música nacional e internacional:

Veja bem, naquela época o nosso rádio era tão... significava tanto na vida da cidade que os maiores nomes da radiofonia brasileira nós trouxemos: Orlando Gomes, Vicente Celestino, é, é, por exemplo, Isaurinha Garcia é... Alci...ah,ah, Ângela Maria, não digo umas duas vezes nós tivemos orquestras, aqui, famosas, in... internacionais como, como Agostin Lara. Nós tivemos aqui por..., trouxemos Josefina Backer que era uma cantora de, de primeiro mundo. Nós trouxemos Afonso Ortiz Tirada que era um cantor mexicano, nós tivemos é, é Gregório Barros, quer dizer e... no, e no e nacionais nós trouxemos (inaudível) em exceção Aracy de Almeida e de Chico Alves, na primeira época Francisco Alves morreu cedo ainda pro nosso rádio, nós trouxemos o que a radiofonia brasileira tinha de melhor (informante 2).

Pode-se dizer que além de incentivar o desenvolvimento musical no estado, através da concessão de espaços na grade de programação para a apresentação dos *Conjuntos Vocais Potiguares*, a Rádio Poti, trazendo para o Rio Grande do Norte cantores reconhecidos e de sucesso, possibilitou à sociedade natalense conhecer a produção musical que estava sendo desenvolvida no Brasil e no exterior.

### **5.3 Radionovelas**

As radionovelas eram sucesso garantido na programação da rádio. A população reunia-se diante do aparelho transmissor para ouvir as histórias interpretadas pelos chamados radioatores. O informante 6, na condição de ouvinte do rádio, lembra as radionovelas que eram veiculadas na emissora:

As novelas... de rádio era... num tinha a duração que as da televisão hoje: seis meses, mas era muito longas, viu? e eram muito escutadas. Era um programa quase obrigatório, né? nas famílias que escutavam, né? o rádio. É, e elas eram assim: elas não eram diárias. Os dias eram, a novela era, era transmitida na segunda, aí pulava um dia, segunda, quarta e sexta, por exemplo. E outra novela era terça, quinta e sábado.” (informante 6)

O informante 1 aborda o caráter imaginativo que o rádio propiciou com a transmissão das radionovelas:

Por exemplo, nós escutávamos a novela nos anos 50 mais famosa que era “Jerônimo: o herói do sertão”. Então essa novela, aí entra a questão da linguagem do rádio, da especificidade do rádio, a questão da imagem mental que o rádio propicia pra gente, a nossa diversão era imaginar os tipos que estavam por trás das novelas. Por exemplo, a gente ficava imaginando como seria Jerônimo o herói do sertão? Jerônimo tinha uma noiva chamada Aninha, nunca deixaram de ser noivos, e o próprio Moisés Weltman, que foi o autor da série, ele dizia “eu nunca permiti que Jerônimo casasse porque era uma questão moral. Por exemplo, Jerônimo se dizia sempre envolto em aventuras, então ele estava sempre conhecendo mulheres, se eu é...se ele casasse ele estaria sujeito a...era uma coisa da moral da época, o adultério, seria uma coisa inconcebível. Ao passo que, sendo noivo, quer dizer, a coisa ficaria atenuada, seria uma traição corriqueira, então por isso eu nunca permiti que Jerônimo casasse”. Aí ficávamos imaginando como seria Aninha, a noiva de Jerônimo...(informante 1).

As radionovelas transmitidas pela rádio Poti permitiam que os ouvintes projetassem seus desejos e sonhos. As narrativas geralmente se remetiam ao cotidiano das pessoas, com as dificuldades e nuances inerentes à vida social. A proximidade com o enredo e os personagens interpretados pelos radioatores possibilitavam o processo de se ver através do outro, conforme sugeriu o informante 1. O receptor, de acordo com seu repertório de informações, imaginava subjetivamente os personagens, o cenário, o vestuário, decodificando as mensagens sonoras ao passo que as tornava imagens mentais.

#### **5.4 Informativos**

Adotando o conceito de que o rádio é um meio de comunicação de massa com características específicas, tais como: instantaneidade, simultaneidade, grande abrangência geográfica, utilização de uma linguagem codificada de forma simples, objetiva e clara, torna-se, por excelência, um veículo de notícias. Desde o surgimento da emissora, ainda com o nome de REN, a rádio Poti atuou como principal meio de comunicação durante a Segunda Guerra Mundial, tendo em vista que, no Rio Grande do Norte, instalou-se a base militar norte-americana, contra o eixo, na cidade de Pamamirim. O informante 2 disse como era feito o serviço de captação de notícia da rádio e cita alguns programas jornalísticos que eram veiculados à época:

Além do noticiário..., por exemplo, a Gazeta Sonora que era um... um noticiário de meio dia era feito com notícias locais, com notícias de... do país e era feito com notícias internacionais. O serviço, nesse tempo de rádio, o captado da Unity Press

ou da Society Press ou da Meridional ou da Nacional, eram captados através de um a... possante aparelho de radiocraft em... serviço morse de telegrafia, né? Então o nosso telegrafista apanhava o serviço, agente completava o telegrama, e isso significa dizer, o serviço de, de, de, de, de informações, o serviço de noticiosos era no... era no mesmo nível do, do, do, de qualquer estação do país, não vou dizer era um repórter Esso, né? Mas, era no mesmo nível do, do, de qualquer emissora pelo menos do nordeste (informante 2).

## **6. Considerações finais**

Com esta pesquisa, pôde-se perceber a relevância das narrativas orais no processo de reconstituição da memória radiofônica. Os sujeitos pesquisados demonstraram que a história pode ser feita a partir de documentos escritos, sem, contudo, desconsiderar as práticas sociais de oralidade como elemento de considerável importância na recuperação de informações que subjazem na memória coletiva ou cultural. Pôde-se perceber que a primeira emissora de rádio do Rio Grande do Norte assumiu o compromisso primordial de promover formas de entretenimento, educação e informação, refletindo seu engajamento com a pluralidade de interesses dos ouvintes. A partir dos programas musicais, a rádio Poti incentivou a produção local e projetou cantores e conjuntos vocais em âmbito nacional e internacional. As radionovelas, mesclando realidade e ficção, catalisavam a atenção dos ouvintes no mundo imaginário. Identificamos, ainda, que os programas jornalísticos mantinham a sociedade informada, possibilitando aos ouvintes o conhecimento e a leitura da realidade social vigente naquele período.

A Rádio Poti, com toda a diversidade de programação, veio a instaurar a *era de ouro do rádio* no Rio Grande do Norte. A população potiguar, que antes só ouvia falar no sucesso das transmissões radiofônicas das outras localidades do país, teve sua própria emissora de rádio, veículo que dinamizou a comunicação no estado e deu ao público programas substanciais e de qualidade.

Conhecer de perto tal realidade só foi possível graças às histórias de vida e experiências dos sujeitos informantes que evocaram lembranças e as presentificaram na legitimidade dos relatos orais. Tal concepção descortina a possibilidade de entender outros procedimentos de pesquisa, notadamente em comunicação, a partir dos quais pode-se compreender os objetos situados na ordem dos fenômenos midiáticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução por Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução por Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KAUFMANN, Jean Claude. **L'Entretien comprehensive**. Nathan université: Paris, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**: história. V. 1. 6 ed. Lisboa: edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **História e memória**: memória. V. 2. 6 ed. Lisboa: edições 70, 2000.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. Série princípios.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico**. Disponível em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt). Acessado em 24 de abril de 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: edições Loyola, 2002.

THOMPSON, Paulo. **A voz do passado**: história oral. 3 ed. Tradução por Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

STROHSCHOEN, Ana Maria. **Mídia e memórias coletivas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. Série Conhecimento (teses e dissertações).

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicações de massa**. Tradução por Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.